

## Horizontes do indizível

*Resenha de Myriam Uchitel:  
Além dos Limites da Interpretação -  
Indagações sobre a Técnica Psicanalítica,  
São Paulo, Casa do Psicólogo, 160 p.*

Movidos por transformações que a prática clínica possibilita, analistas dão continuidade a seus trabalhos. Questionados na eficácia de seus instrumentos e na pertinência do exercício de sua função, alguns se detêm para pensar e re-pensar o que faz obstáculos. Nesse ofício, que a psicanálise engendra, não é raro encontrarmos obreiros alienados, com práticas tecidas com fios do imaginário das regras a seguir, dos resultados postulados a perseguir ou das seduções amorosas que embaçam os sentidos. Myriam Uchitel é psicanalista. Tem sido há vários anos autora de um trabalho clínico que se pauta pela seriedade e pela ética. Agora faz-se autora de um livro que dita outro lugar, mas de cuja leitura apreendemos os mesmos traços. Da prática à teoria, faz sempre e muitas indagações, mas, sem transformá-las na matéria prima da dúvida que paralisa, usa-as como fermento para questões que buscam respostas, que ensejam a escolha de um caminho.

A psicanálise é uma proposta de conhecimento e saber sobre os caminhos e des-caminhos desse ser dito humano, e, a clínica psicanalítica uma resposta a seus sofrimentos - sempre atravessados por uma demanda de felicidade. Assim instrumentalizado o analista sen-

ta-se em sua poltrona, acolhe as demandas, põe-se a trabalhar. Houve resposta, há esperança. Até que num dado momento descortina-se um fosso - que na dissimetria da relação analítica vai recebendo vários carimbos: o analisando resiste, o analista não compreende, a técnica é ineficaz, esse sujeito tem limites... Às vezes analista e analisando saltam no fosso, às vezes um empurra o outro. Há quem diga ser possível construir uma ponte e fazer passagem. Outros discordam. Outros ainda há que dizem ser a ponte recurso ilusório: o fosso continua lá.

Deixemo-nos guiar pelos caminhos e soluções que Myriam propõe: na interrupção, no impasse, a interpretação faz ponte. Mas, este que é o "recurso técnico por excelência" muitas vezes fracassa nos seus elementos de engenharia; então faz-se necessário a busca de suas possibilidades e limites, suas inserções teóricas. No horizonte dessa escolha desenham-se sombras que à proximidade e deslizar da leitura vão adquirindo contornos definidos e expressivos: onde foi dito a ruptura e o corte, faz-se possível a união, o laço.

O livro, dividido em quatro capítulos, vai às origens da psicanálise, aos momentos tormentosos e criativos de Freud, faz volteios por fragmentos de casos clínicos e encaminha-se para hipóteses teóricas que propõem ampliar os recursos técnicos, re-situar a função do analista, abrir novos caminhos para o psiquismo.

O primeiro capítulo faz um movimento duplo: leva-nos aos primórdios da psicanálise e remete-nos à atualidade da clínica. Fazendo uma leitura minuciosa e atenta, a autora refaz os percursos que levaram a psicanálise a romper com um "saber pré-estabelecido e dominante", e a fazer suas próprias rupturas conceituais à medida do avanço teórico. Ao retomar os históricos clínicos que estão em *Estudos sobre a histeria* de 1895, surgem os primeiros passos da técnica, sua evolução, mudanças requeridas pela teoria emergente. Acompanhamos o surgimento da teoria do trauma e do método catártico como proposta para compreender e curar as neuroses; a passagem ao método interpretativo e a elaboração da teoria da fantasia; acentos deslocados do afeto para a representação; do recordar para o associar. Como nos lembra a autora "A impossibilidade de submeter todos os pacientes à hipnose, a freqüente reaparição dos sintomas, a

presença da resistência começam a corroer as bases do método catártico, forçando-o a sucessivas modificações".

Nessa reconstrução histórica, ao marcar os pontos de ruptura na teoria e suas conseqüentes alterações na clínica, a autora, à diferença de muitos autores - que vêem aí "abandonos" feitos por Freud, inicia um trabalho de construção com vistas a uma nova proposta teórica. Sem desprezar as origens, mas sem tomá-las ao pé-da-letra a autora dá um passo adiante: propõe o resgate da teoria do trauma - vinculando-o já, ao que muito posteriormente será elaborado como pulsão de morte, e a redimensão do afeto em sua "dimensão subversiva" que escapa aos esforços interpretativos. Segundo sua concepção não se trata de um "trauma forjado exclusivamente na exterioridade, que irrompe como corpo estranho, e que só con-

segue ineficientemente a descarga do excesso que produz através da formação de sintomas ou pela via da catarse, mas sim de um trauma de outra origem, de origem interna, pulsional, que compartilha com o anterior a característica de um impacto inacabado". Ao propor a redimensão do afeto, questiona os caminhos pelos quais a clínica enveredou, levando muitas vezes a suposições de que o *setting* analítico seria sinônimo de assepsia afetiva no que se referia ao lugar e função do analista. Portanto, a função de intérprete e decodificador, que usa a palavra como seu único e exclusivo meio de comunicação e intervenção no processo analítico, não só merece ser ampliada, como os custos devidos ao analista seriam outros.

Questionando algumas dualidades freudianas, alguns movimentos dialéticos que podem levar a dicotomias teóricas e clínicas - o afeto x a representação, o econômico x o dinâmico, por exemplo, e ao propor novas conjugações entre trauma e afeto, a autora nos coloca frente a duas questões sempre atuais: como redimensionar o afeto, na clínica, sem tornar a esperança do encontro com o objeto uma promessa sabida nostálgica; e, como exercer a função de analista sem sobredeterminar o percurso do analisando com o que é próprio da fantasmagoria da pessoa do analista.

O segundo capítulo traz os contornos da técnica ao longo da obra freudiana. Retomando três dos mais famosos casos clínicos de Freud - "Dora", "O Homem dos Ratos" e o "Homem dos Lobos", e, constatando as diferenças na ênfase e no manejo que Freud faz da interpretação em cada um deles, a autora delinea o campo deste que é o recurso símbolo da prática analítica.

A transferência enquanto repetição e que faz resistência à mudança no caso Dora, os sintomas do Homem dos Ratos que requerem deciframento e tradução, a construção e reconstrução de fantasias originárias no Homem dos Lobos dão os subsídios para a autora diferenciar conceitualmente interpretação, construção e re-construção. Através de uma leitura minuciosa reconhece os efeitos da interpretação em cada um dos casos, e por uma análise criteriosa dos impasses e fracassos reafirma seus limites: "A interpretação pode fazer mudar porque dilui pela via da palavra o impacto do afeto, porque faz falar uma imagem auditiva, visual, sensorial pela representação, porque traduz uma mudança de lugar, de qualidade, uma mudança de estado, ou porque determina uma nova inscrição", mas "... ficar no esforço interpretativo é ficar no movimento que o próprio psiquismo realiza (...), um psiquismo expandido no vasto campo das razões (...), mas atrofiado, por assim dizer, no campo dos afetos e das livres associações".

A primeira tópica vai ser considerada o suporte teórico para os alcances da interpretação: o recalque que faz marcas, o sintoma revestido de sentido, a transferência com seu poder de re-atualização do recalcado são os elementos necessários à crença na eficácia do recurso.

Mas, assim como os impasses da clínica demandaram uma segunda tópica, a própria clínica, segundo a autora, demandaria alterações: "A análise precisa, no nosso entender, reinstalar o enigma, detraduzir sua resposta e retraduzí-lo de maneira que possa encontrar novas nomeações, inscrições ou reinterpretções que permitam ao sujeito uma forma de existência mais vital e prazerosa".

Um capítulo com valiosas indagações e assertivas, que a um só tempo nos lembra que a interpretação tem contornos - não está aberta a todos os sentidos, aponta para uma direção, implica um saber fazer; assim como nos lembra que o campo pulsional não pode ser subsumido pelo registro do simbólico.

Quando fala da reinstalação do enigma a autora nos remete à clínica dos recursos "ortopédicos". Sabemos que se a interpretação é uma resposta que suspende uma outra já colocada, isso não implica em que ela leve o sujeito a alcançar o saber sobre o inconsciente, mas justamente a dar-lhe a medida dessa separação. Então, se a resposta de cada sujeito busca obturar a distância entre esta e o enigma colocado pelo desejo, e com estatuto de verdade não ficcional, caberia aos analistas não contribuir com a oferta de novos obturadores.

Os limites da interpretação não precisam e não podem encontrar correspondência no processo do tratamento: além e aquém da interpretação há um fazer analítico possível, que encontra suporte teórico na segunda tópica e na segunda teoria das pulsões - disto trata o terceiro capítulo. Denso em sua estrutura, vai nos indicar os subsídios teóricos dos quais a autora se utiliza para formular novas hipóteses e propor reformulações na técnica, de modo que a conjugação desses elementos resulte na ampliação do campo da análise, da função do analista e da mudança no foco de suas intervenções.

Do id, de cujos conteúdos inconscientes não se pode dizer todos recalcados, e, da pulsão de morte - "imagem que não representa, barulho que silencia", a autora encontra brechas para formular o que excede os limites da interpretação. Se para Freud o id e a pulsão de morte abrem "um campo de pulsionalidade situado aquém do recalque e do inconsciente", campo que responde pela existência da agressão, da repetição e do masoquismo, para Myriam aqui abre-se espaço para pensar um "além da inter-

pretação". Se para Freud há, portanto, "um campo carente de representações, à margem do aparelho psíquico e refratário à interpretação - o campo pulsional sem inscrição", há um outro - o do inconsciente recalçado, das pulsões de vida, que "promove ligações e prazeres". Para Myriam esta dualidade pulsão de vida - pulsão de morte não é, propriamente, a formulação que dirá da inclusão ou não de uma pulsão no aparelho psíquico; e, portanto, o irrepresentável não pode ser considerado a consequência natural do campo onde há domínio da pulsão de morte. No movimento circular das pulsões a autora encontra alguns dos elementos que subsidiam sua hipótese: "Se as pulsões tem início com o outro, com um outro primordial que permite a contenção e o resgate da força para o mundo das representações, o que fica de fora não é pulsão, mas um fundo de pura excitação, de pura energia, digamos que dispersa e instintual". Conclui a autora: "... por isto, pensamos que a energia das pulsões de vida tanto como das pulsões de morte são ambas ligadas e de natureza sexual".

Com essas formulações teóricas a prática poderá mostrar alterações significativas. Se há um não simbolizado, mas possível de inscrição, será o manejo da técnica, o reposicionamento do analista, as intervenções que incidem além do que já possui ligação e representação que possibilitarão ampliar o psiquismo e com isto incluir novas inscrições. A relação transferencial será considerada o

campo onde estas mudanças tornar-se-ão possíveis: a experiência que tal relação permite ao sujeito é o "verdadeiro suporte da transposição e ordenação pulsional". O trabalho com a repetição será o ponto central da análise, pois "des-repetir é inscrever e re-inscrever a pulsão, é reconstruir sua trajetória, destraumatizá-la".

Formulações que se por um lado podem criar polêmicas, por outro nos dizem da importância da reconstrução da teoria à medida em que a prática clínica exija e permita. Essas mesmas formulações também nos remetem a estas que já foram questões motivadoras de importantes avanços teóricos por parte de vários autores, e, nos apontam paradoxos inerentes ao psiquismo humano: ele que precisou, para ser fundado, do corte, da ruptura, exige para sua sobrevivência o enlace, o laço. A ênfase que cada autor dará a um ou outro aspecto é um dos pontos de possível diferenciação conceitual, teórica. Freud nos falou da rocha da castração, Lacan indica a travessia do fantasma como um

além da interpretação, mas justo aí marca a existência do imponderável. Ao ser humano resta um resto que faz desejo; importa desejar - sempre e mais. A autora insere suas contribuições nos desfiladeiros do desejo.

O capítulo IV vem ilustrado com fragmentos de casos de sua e outras clínicas, e para os quais foram propostos, em momentos de impasse, o ato, a nomeação, a vivência como recursos técnicos que ao mesmo tempo respondem à evolução da teoria e vão além da interpretação, sustentando um outro "fazer analítico".

Um fazer analítico que considera o trauma como "acontecimento inacabado, pulsão interceptada"; "a pulsão de morte sexual, inscrita e ligada"; o ato um recurso que "... embaralha lugares, desloca a palavra, introduz a presença do não -neuro..."; a "dimensão dos desejos e dos afetos" o que permite a experiência usufruída; o analista pautado pela ética. Para a interpretação limites marcados pela existência de uma "soma de pura excitação", que sem lugar no psiquismo se constitui no irrepresentável.

Num trabalho norteado pelo que faz obstáculos ao processo analítico, Myriam Uchitel vai em frente e dá suas respos-

tas. Realiza uma extensa e criteriosa revisão bibliográfica, mas não transforma a teoria num conhecimento acadêmico, e por isso pode ir buscá-la nas suas fontes e transformá-la, inventá-la. Sem ser dogmática faz aberturas, possibilita enganches, lança fios para que cada leitor prossiga com a própria trama. Redefinindo limites e ampliando horizontes abre caminhos e às vezes enseja esperanças. Uma leitura mais atenta encontra-a construindo pontes, mas sabedora de que este é um artifício que não apaga as bordas, não re-cria a unidade mítica, apenas, às vezes, permite passagem.

**Rita Cardeal** é psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.